

CONSÓRCIO GRAMÍNEA E LEGUMINOSA: MASSA DE FORRAGEM TOTAL E MASSA DE FORRAGEM DOS COMPONENTES BOTÂNICOS

Stela Soares Zamboin^{1*}, Gabriela Bagio Oliveira², Bruna Zanini Uzan¹, Gustavo Mandonça¹, Thainá Bento Sakamoto¹, Thais Scorsato Galvin¹, Sabrina Fraga¹, Débora Fabbri¹, Paulo Henrique Mazza Rodrigues², Luciana Gerdes¹.

¹Centro de Nutrição Animal e Pastagens, Instituto de Zootecnia

²Laboratório de Nutrição de Ruminantes, Universidade de São Paulo

*stelazamboin@outlook.com

O manejo do pastejo influencia na dinâmica da comunidade vegetal quanto à composição da massa de forragem. O objetivo deste estudo foi avaliar a massa de forragem total e dos componentes botânicos das forrageiras em pasto consorciado de Leguminosa Macrotyloma e Capim Marandu comparados com pasto exclusivo de Capim Marandu sem ou com suplementação proteica, em lotação contínua com bovinos. O estudo foi realizado no Instituto de Zootecnia (Nova Odessa/SP). As coletas de dados foram realizadas durante quarenta e cinco dias entre a estação de primavera de 2019 até o inverno de 2020. O delineamento experimental utilizado foi o de blocos completos casualizados, com três tratamentos e duas repetições. Os tratamentos experimentais foram: Gramínea (G): Pastagem exclusiva de gramínea *Brachiaria brizantha* cv. Marandu; Gramínea + Suplementação Proteica (GP): Pastagem exclusiva de gramínea *Brachiaria brizantha* cv. Marandu com suplementação proteica; Gramínea + Leguminosa (GL): Pastagem consorciada de gramínea *Brachiaria brizantha* cv. Marandu e leguminosa *Macrotyloma axillare* (NO 279). A massa de forragem foi mensurada nos 1^o, 23^o e 45^o dias de cada período experimental. As amostras de forragem foram coletadas com cortes realizados ao nível do solo, utilizando aparadores de cerca viva a gasolina, em três pontos com base na altura média do dossel forrageiro. A composição botânica da forragem foi calculada como porcentagem da massa de forragem dos pastos a partir do peso seco dos componentes botânicos. As análises estatísticas foram realizadas utilizando o procedimento MIXED do SAS (2002). Os dados foram avaliados por meio do teste de LSD e foi considerado efeito significativo quando $P \leq 0,05$ e as estações do ano foram consideradas medidas repetidas no tempo. Os tratamentos experimentais apresentaram diferença estatística para a massa de forragem total (Kg/ha), o tratamento GL apresentou maior massa de forragem total que os demais tratamentos (G = 5682,81^A kg/ha, GL = 5961,61^A kg/ha e GL = 6751,45^A kg/ha; $P < ,0001$). Para as estações do ano, o verão apresentou maior massa de forragem total (Kg/ha) que as demais estações (Primavera = 5199,81^B kg/ha, Verão = 7884,13^A kg/ha, Outono = 6628,86^A kg/ha e Inverno = 4815,02^B kg/ha; $P < ,0001$) e o outono maior massa de forragem (kg/ha) de material morto comparado as demais estações (Primavera = 2489,94^B kg/ha, Verão = 1214,08^C kg/ha, Outono = 3186,64^A kg/ha e Inverno = 2900,37^{AB} kg/ha; $P < ,0001$). A massa de forragem dos componentes botânicos nos tratamentos experimentais nesse estudo foi maior no GP para os componentes botânicos lâmina e haste do capim. Para as estações, o verão apresentou maior massa de forragem dos componentes botânicos (Folha da leguminosa 1453,92^A kg/ha = Ramo da leguminosa = 1918,59^A kg/ha, Lâmina do capim = 2523,87^A kg/ha e Haste do capim = 3022,02^A kg/ha). O consórcio de gramínea e leguminosa apresentou incremento na produção de massa de forragem.

Palavras-chave: *Brachiaria brizantha* cv. Marandu, leguminosa forrageira, lotação contínua.